

## O SENTIDO DA HISTÓRIA SEGUNDO SÃO TOMÁS DE AQUINO\*.

*Leo J. Elders s.v.d* – Major Seminary Rolduc (Holanda).

**Resumo:** Se o sentido da história fosse evidente, já não se falaria tanto disso. Não se vê muito bem qual poderia ser o sentido da série de guerras, de reinos que se sucedem e o sentido desta marcha através da caducidade de tudo. Segundo São Tomás, um fator que aumenta o sentido de instabilidade é o afã de novidades, característico dos homens: *buscam o novo e tiram o velho*. Não obstante, os homens seguem buscando um sentido. Pois bem, esta busca de um sentido dos acontecimentos históricos, pressupõe uma visão global da história.

**Palavras-chave:** tempo, História, Tomás de Aquino.

**Abstract:** If the sense of history was evident, already it would not be said in such a way of this. Which is not seen very well could be the sense of the series of wars, of kingdoms that if occur, the sense of this march through the caducity of everything. In conformity with Thomas Aquinas, a factor that increases the instability sense is the eagerness of new features, characteristic of the men: they search the new and they take off the old one. Therefore, the men follow searching a sense. Then, this search of a sense of the historical events, estimates a global vision of history.

**Keywords:** time, History, Thomas Aquinas.

### 1. Introdução.

Se o sentido da história fosse evidente, já não se falaria tanto disso. Não se vê muito bem qual poderia ser o sentido da série de guerras, de reinos que se sucedem, o sentido desta marcha através da caducidade de tudo. Segundo São Tomás, um fator que aumenta o sentido de instabilidade é o afã de novidades, característico dos homens: *buscam o novo e tiram o velho*<sup>1</sup>. Não obstante, os homens seguem buscando um sentido. Pois bem, esta busca de um sentido dos aconteci-

---

\* Este artigo foi publicado originalmente em espanhol na Homepage de Leo Elders. Tradução de Paulo Faitanin, com a autorização do autor.

<sup>1</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *De dilectione Dei et proximi*, I, c14: “Omnis homo mendax et mutabilis: mutatur novitate. Gaudent enim novitate moderni, et novis supervenientibus vetera projiciunt”.

mentos históricos, pressupõe uma visão global da história. Sem ela há que dizer com *Ecl.* I, 4-9:

“O sol se levanta, o sol se deita, apressando-se a voltar ao seu lugar e é lá que ele se levanta. O vento sopra em direção ao sul, gira para o norte, e girando e girando vai o vento em suas voltas. Todos os rios correm para o mar e, contudo, o mar nunca se enche: embora chegando ao fim do seu percurso, os rios continuam a correr. Todas as palavras estão gastas e ninguém pode mais falar. O olho não se sacia de ver, nem o ouvido se farta de ouvir. O que foi será, o que se fez, se tornará a fazer: nada há de novo de baixo do sol”.

Sem uma visão global e um enquadramento, não se pode nem sequer falar de um sentido do que sucede no tempo. Por exemplo, na Índia antiga, mas também na Grécia da época clássica, aceitava-se a teoria de uma recorrência cíclica e a história foi interpretada no quadro desta visão global. Cabe dizer que na Índia havia pessoas, como Buda, para quem esta lei do *karma* era insuportável. Buda tentou desvencilhar-se dela por redução ou esvaziamento do próprio ego, a concentração em si mesmo, a renúncia a qualquer aspiração.

A visão global do devir histórico de São Tomás é outra: as criaturas, como efeitos de Deus, voltam para Ele, sua causa, porque, segundo uma lei metafísica universal, todo efeito retorna à sua causa<sup>2</sup>. Este princípio, formulado pela primeira vez na metafísica neo-platônica, expressa uma lei universal, pois todas as coisas têm uma inclinação à própria perfeição e suas operações tendem a aperfeiçoarem-se. Aperfeiçoando-se, tendem a Deus, isto é, a uma participação mais completa da bondade divina. A ordem do progresso é o caminho do imperfeito ao mais perfeito. As criaturas individuais, como a totalidade delas, voltam a seu princípio enquanto expressam e levam a adiante, uma semelhança maior com o seu princípio, segundo o seu ser e sua natureza<sup>3</sup>. Esta brilhante passagem mostra que a história tem seu sentido enquanto as coisas existem e operam segundo sua natureza. Desde logo, no caso dos homens, as palavras “segundo o seu e sua natureza” têm um sentido especial, pois o homem deve retornar a Deus com o seu

---

<sup>2</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q63,a4: “Semper effectus convertitur in suum principium”; II-II,q106,a3: “Omnis effectus naturaliter ad suam causam convertitur”.

<sup>3</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *CG.* II, 46: “Redeunt autem ad suum principium singulae et omnes creaturae in quantum sui principii similitudinem gerunt secundum suum esse et suam naturam”.

intelecto e vontade. Realiza a perfeição na assimilação a Deus pela conformidade de suas ações com Deus, do que pela conformidade do seu ser com Ele<sup>4</sup>. Aqui se pode ver a solução do problema do sentido da história, problema que atormentou a tantos filósofos. Segundo eles, a história não seria mais que uma marcha em direção a um destino desconhecido, não teria desenlace, seria uma repetição inútil das mesmas ilusões; a experiência humana estaria marcada pelo fracasso<sup>5</sup>. Segundo Paul Ricoeur, a história em si mesma não tem sentido, mas certos acontecimentos recebem uma significação na obscuridade da fé pela irrupção do sobrenatural<sup>6</sup>. Por muito que seja certo que a história da salvação sobrenatural é enxertada na marcha da história profana (como logo veremos), esta última já tem um sentido enquanto as criaturas atuam segundo a sua natureza. O regresso à Causa Primeira fica imperfeito nas criaturas não racionais, que cumprem um movimento circular, enquanto saem do Bem para retornar a Ele<sup>7</sup>. O regresso das criaturas intelectivas constitui um círculo perfeito, enquanto alcançam a Causa Primeira, objeto de seu conhecimento e de seu amor<sup>8</sup>. Sendo o homem o cume das criaturas visíveis, é muito conveniente que ele se una ao Primeiro Princípio e que se consiga, assim, a consumação das coisas<sup>9</sup>. Ademais, há que considerar que, inclusive pela razão natural, a vida terrestre do homem não é o seu destino definitivo<sup>10</sup>. Além do mais, em vista da vida terrestre difícil de muitos justos, a fé na justiça divina obriga-nos a aceitar uma outra vida depois da morte<sup>11</sup>.

Na Antigüidade os homens estavam impressionados pela ordem visível e aceitaram a lei cósmica do nascer e perecer perpétuos. Nesta visão, um acontecimento particular não pôde ter importância universal. É verdade que um historiador, como Políbio, considerava os acontecimentos no mundo mediterrâneo co-

---

<sup>4</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *De potentia*, q2,a4,ad4. Veja “Historia e historicidad em el pensamiento de santo Tomás de Aquino” en L.J. Elders, *Hombre, Naturaleza y Cultura*. Buenos Aires, Ediciones de la Universidad Católica Argentina, 1998, 113-132.

<sup>5</sup> LÖWITH, K. *Meaning in History*. Chicago, 1958, pp.191; 158; MARROU, H.I. *Théologie de l'Histoire*. Paris, 1968, p57: “L'éche est la loi de toute histoire”.

<sup>6</sup> RICOEUR, P. *Histoire et vérité*. Paris, 1953, p.95.

<sup>7</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In IV Sent.*,d49,q1,a3, A: “...dum a Bono egredientia in Bonum tendunt”.

<sup>8</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q8,a3.

<sup>9</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q43,a3.

<sup>10</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In Job*, c7: “Praesens vita hominis non habet in se ultimum finem sed comparatur ad ipsum sicut motus ad quietem et via ad terminum”.

<sup>11</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In Job*, c7: “Tota ratio divinarum iudiciorum turbatur si non esset vita futura”.

mo uma preparação à chegada do Império Romano, mas apesar disso, ele estava convencido de que a Fortuna (a sorte) pode inesperadamente mudar a situação. Outro ponto de diferença com a nossa maneira de ver: os antigos pensavam que o desenvolvimento dos acontecimentos está predeterminado pelo fato de que, por meio de oráculos, profecias, astrologia etc., podia-se prognosticar o que ia acontecer.

## 2. História do mundo e História da salvação.

Pois bem, a revelação bíblica introduziu um novo horizonte, ensinando que há um término para o devir histórico, acima da própria história. Se for assim, o que sucede no tempo recebe seu sentido de sua relação com este término. Santo Tomás o explica da seguinte maneira: é próprio do que é bom o comunicar-se. Sendo Deus o Bem supremo elegeu o modo mais sublime de comunicar-se, unindo a si a natureza humana na Encarnação<sup>12</sup>. Esta intervenção divina manifesta, ao mesmo tempo, a bondade, a sabedoria, a justiça e o poder de Deus. Deus não decidiu somente a Encarnação, mas também que o fazia em resposta ao estado desastroso em que o primeiro homem havia se metido. Como o percebeu Santo Agostinho, comentando as palavras de Jesus “O Filho veio resgatar e salvar o que estava perdido”, o Filho do Homem não teria vindo se o homem não tivesse pecado<sup>13</sup>. Neste sentido a Encarnação não é somente a suprema comunicação de Deus ao homem e a elevação da natureza humana, mas reveste, também, o caráter de uma intervenção cheia de misericórdia e de amor.

Ao mesmo tempo – e este ponto é importante para nosso tema – começa assim uma história. A preparação espiritual dos homens à vinda de Cristo ia necessitar de muitos séculos: os homens deviam aprender a ser humildes, ter plena consciência da própria miséria e progredir para uma vida menos imperfeita. Desde logo, este progresso situa-se, sobretudo, no nível da vida espiritual e concerne a pessoas eleitas, do que a multidão<sup>14</sup>. Mas pode-se, também, falar de um progresso no campo da cultura: faz falta, efetivamente, certa capacidade para entender uma doutrina espiritual. Os acontecimentos que preparavam a vinda de Cristo, como os evangelistas a apresentam, pressupõem a coerência e a unidade da história da salvação, desde seu começo até seu fim. A história de nossa vocação sobrenatural não é uma negação da história profana, mas sua cura e restabeleci-

---

<sup>12</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* III, q1,a1.

<sup>13</sup> AGOSTINHO, S. *Sermo* 174,c2 (ML 34, 439).

<sup>14</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* III, q1,a5 e 6.

mento, ou seja, que conhecemos, agora, claramente o fim que devemos alcançar e podemos agir em vista deste fim, em cada momento de nossas vidas.

A questão do por que se encarnou o Verbo de Deus durante o reino do imperador Augusto e não antes, foi debatida na época patrística. Orígenes defende a oportunidade daquele momento no tempo, em sua resposta ao filósofo pagão Celso; Santo Agostinho explica que era porque Deus sabia que então encontraria pessoas para crer n'Ele<sup>15</sup>. Pode-se dizer de um modo geral, com São Tomás, que o imperfeito antecede ao perfeito e que deste modo, um tempo de preparação e de espera devia preceder a Encarnação. Isto nos introduz na história da salvação. Sucintamente São Tomás escreve que a chegada de um grande rei deve ser preparada por mensageiros que preparam o povo para aceitar-lhe<sup>16</sup>.

Posto que a Encarnação está orientada principalmente para a reparação da natureza humana pela abolição do pecado, não era conveniente que Deus tivesse adotado a natureza humana desde o começo da existência do primeiro homem, isto é, antes que Adão tivesse pecado. Tampouco a Encarnação devia ser preterida até o fim dos tempos. Cristo devia ser a fonte de graça para os homens. Se a vinda de Cristo tivesse sido atrasada até o fim da história, já não encontraria interesse e bondade moral entre os homens<sup>17</sup>. Em relação com esta questão, Tomás insiste na frase de São Paulo *Gal.* 4,4, que Deus enviou seu Filho ao chegar a plenitude dos tempos, palavras as que se refere repetidas vezes. Explica o sentido como segue: na Encarnação o homem e com ele o universo retorna a Deus, seu Princípio, o Criador; significa, também, que com Cristo nos foi dada a abundância da graça e foi cumprida a Antiga lei; ademais, realizou-se o que Deus, desde toda a eternidade, havia decidido<sup>18</sup>.

### 3. Etapas na História da salvação.

Tomás distingue três períodos, a saber: *ante legem, sub lege, sub gratia*<sup>19</sup>. Os períodos indicam um progresso cada vez mais em direção a uma maior perfeição,

<sup>15</sup> AGOSTINHO, S. *Epist.* 102: Ad Deocratias (ML 33, 375). Ver *De perseverantia*, c11, onde insiste na predestinação divina, tanto para os que iam crer, como para quem não aceitariam o evangelho.

<sup>16</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *CG.* IV, 55: "...ut praepararentur subditi ad eum reverentius suscipiendum".

<sup>17</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* III, q1,a6: "Si autem hoc remedium differretur usque in finem mundi, totaliter Dei notitia et reverentia et morum honestas abolita fuisset in terris".

<sup>18</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In III Sent.*,d1,q2,a5.

<sup>19</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I-II, q106,a4,ad3.

porque as coisas não são levadas em seguida a sua perfeição desde o princípio, mas progressivamente<sup>20</sup>. O homem deve adquirir a perfeição *per temporis successio-nem*<sup>21</sup>. Há um progresso na ciência e o conhecimento filosófico<sup>22</sup>. Assim, a profecia cresceu segundo estas três etapas<sup>23</sup>. Não obstante, na ordem natural das causas eficientes, o perfeito precede ao imperfeito e, por isso, o primeiro homem, antes do pecado, devia possuir a ciência de tudo o que o homem deve aprender no curso de sua vida, uma ciência fundamental que foi confirmada pela própria experiência, no curso de sua vida<sup>24</sup>. No curso do tempo haverá uma diversificação: os homens podem aplicar-se de modo diferente ao que aprendem ou fazem; existe, também, a influência do clima e da alimentação<sup>25</sup>. A multiplicação dos indivíduos humanos é segundo a intenção da natureza<sup>26</sup>.

Antes da promulgação da Lei, a fé concernia ao conhecimento da divindade e do Redentor<sup>27</sup>. São Tomás considera que certas pessoas foram impelidas pela graça a venerar a Deus de uma maneira especial que servia para expressar sua devoção interior e para significar os mistérios de Cristo<sup>28</sup>. Toda a revelação bíblica dirige-se ao futuro e, por conseguinte, pressupõe a irreversibilidade do acontecido. Não obstante, para os cristãos, o que acontece ao longo da história não se refere somente ao porvir, mas possui algo da beatitude do fim. Deus, para o cristão, já não está fora da história, mas entrou nela adotando a natureza humana para reunir todos os homens. Cristo morreu a céu aberto para que o mundo inteiro fosse uma moradia para a paixão de Cristo<sup>29</sup>.

---

<sup>20</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I-II, q106,a4,c: “non enim aliquid ad perfectum adducitur statim a principio, sed quodam temporali successionis ordine”.

<sup>21</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q94,a3,c.

<sup>22</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Eth. Lec.2*: “Ad hominem pertinet paulatim in cognitione veritatis proficere”; *STh.*I, q44,a2,c: “Aliqui ulterius erexerunt se...”.

<sup>23</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* II-II, q174,a6,c: “Prophetia crevit secundum tres temporum distinctiones”.

<sup>24</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q94,a3,ad3.

<sup>25</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q96,a3,c.

<sup>26</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q98,a1,c: “Ex parte animae competit ei [homini] quod multitudo individuorum sit per se intenta a natura vel potius a naturae auctore”.

<sup>27</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In III Sent.*,q1, proL., mas deviam ser ajudados pela graça: *In III Sent.*,d25,q1,a2C, ad2.

<sup>28</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I-II, q103,a1,c.

<sup>29</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* III, q83,a3,ad1: “...ut sic totus mundus haberet se ad passionem Christi ut domus”.

Além dos três tempos Tomás distingue entre três estados: *status innocentiae*, *status culpa*, *status gloriae*<sup>30</sup>. O conceito de ‘estado’ significa a maneira em que o homem relaciona-se com a graça divina. Inclusive sob a Lei Nova, os homens podem relacionar-se com ela mais ou menos perfeitamente. Em algumas pessoas ou em certas comunidades, a graça do Espírito Santo pode ser possuída mais ou menos, mas não há que pensar que chegará outra época de uma vida espiritual perfeita<sup>31</sup>. No estado de inocência Adão tinha a fé explícita na Encarnação de Cristo, mas isto não enquanto relacionada à libertação pela paixão e a ressurreição, mas enquanto ordenada à consumação na glória<sup>32</sup>. Tomás surpreende-nos explicando que Adão sabia alguma coisa da Encarnação, enquanto a união matrimonial prefigurava o mistério de Cristo e a Igreja<sup>33</sup>. No estado depois do pecado, havia uma fé explícita no mistério de Cristo com respeito, também, à sua paixão para libertar-nos do pecado. Se não fosse assim, não haveria prefigurado a paixão de Cristo por certos sacrifícios antes e depois da Lei. As pessoas centrais na história da salvação conheciam o sentido dos sacrifícios, as outras só obscuramente<sup>34</sup>. Contudo, Tomás acrescenta que naquele período da história, os filósofos não alcançaram a conclusão de que só Deus unicamente deve ser adorado<sup>35</sup>.

Encontramo-nos na última época da história, a de Cristo e de sua graça. São Paulo a chama “o tempo propício, o dia da salvação”<sup>36</sup>, o que Tomás interpreta no sentido de que agora devemos trabalhar para alcançar nosso destino eterno<sup>37</sup>. É o tempo em que se pode rezar com confiança, porque sabemos que Deus escuta-nos. Sublinha o Angélico que há que trabalhar para alcançar nossa

---

<sup>30</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* III, q13,a3,ad2: Em *De potentia*, q5,a6,ad9 fala de ‘status legis naturae’, ‘lex vetus’ e de ‘lex evangelica’.

<sup>31</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I-II, q106,a4,c.

<sup>32</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* II-II, q2,a7,c.

<sup>33</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* II-II, q2,a7,c: “...non est credibile primum hominem hoc signum ignorasse”.

<sup>34</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* II-II, q2,a7,c: “Maiores explicite cognoscebant sensum sacrificiorum, minores sub velamine illorum”.

<sup>35</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I-II, q1,a8,ad1.

<sup>36</sup> 2 Cor., 6, 2.

<sup>37</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Cor.* C.6, lec1: “tempus in quo adiuti gratia cooperante possumus operaria d consequendam vitam aeternam”.

salvação, enquanto temos a oportunidade, pois vem a noite em que ninguém pode trabalhar<sup>38</sup>.

No século XIII Joaquim de Fiore defendia a teoria segundo a qual devia vir a época do Espírito Santo que recolocaria os primeiros séculos da Igreja sob o sinal de Cristo. São Tomás escreve que é néscio crer que o evangelho de Cristo não seja definitivo<sup>39</sup>. Não há que atribuir um sentido particular a certos acontecimentos, se a própria revelação não o faz<sup>40</sup>. Nem mesmo pode-se indicar um sentido figurativo a cada acontecimento do Antigo Testamento, ainda que o Antigo Testamento em sua totalidade seja uma prefiguração de Cristo. Os acontecimentos têm um sentido que não conhecemos, se não nos foi revelado. Mas Deus o conhece em sua predestinação que está por cima de tudo o que sabemos<sup>41</sup>.

Com respeito aos três períodos nos que se divide a história da salvação, convém mencionar que São Paulo meditava sobre a infidelidade dos Judeus, aqueles que de parte de seus líderes recusaram aceitar Cristo como o Messias. Tomás, em seu comentário, sublinha que os projetos divinos não nos são conhecidos; a cegueira espiritual dos judeus deve durar até que os gentios se tenham convertido. Assim, a luta dos judeus contra a doutrina do Evangelho concorre para salvar os eleitos, entre os gentios. Explica as palavras de *Rom.* 11, 32 “Deus encerrou todos na desobediência para a todos fazer misericórdia” assim: Deus permitiu que todos caíssem em uma cadeia de erros, para mostrar sua bondade<sup>42</sup>.

#### 4. A educação dos eleitos.

A história da salvação mostra, também, como Deus educou e continua educando aos eleitos, em vista de seu destino eterno. São Tomás nota que em cada época Deus provê o que convém<sup>43</sup>. Efetivamente, ordenou todos os tempos

---

<sup>38</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In Evang. Iocm.* C.9, lec1. Tomás fala de uma dupla noite: uma para os que vivem em estado de pecado e já não podem apoiar-se na graça divina, e outra noite para os condenados no inferno.

<sup>39</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I-II, q106,a4,ad2.

<sup>40</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I-II, q106,a4,ad2: “Christus non docuit eos omnibus futuris eventibus; hoc enim ad eos non pertinebat secundum illud Act. 1,7: Non est vestrum nosse tempora vel momenta”.

<sup>41</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I, q23,a2,c.

<sup>42</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In Rom.* C11, lec4.

<sup>43</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Contra doctrinam retrahentium.* C16: “Secundum suae sapientiae ordinem, quo suaviter universa disponit, singulis temporibus congruentia adminicula providet”.

segundo o que convinha ao mistério da Encarnação de seu Filho<sup>44</sup> como o diz *Eclesiastes* 8, 6 “cada coisa tem seu como e seu quando”, afirmação que vem aplicada por Tomás ao governo divino, que determina o tempo oportuno para tudo, como fez todas as coisas boas no tempo<sup>45</sup>.

Tomás refere-se, frequentemente, ao Salmo 93 (94), 12: “Feliz o homem a quem tu educas, Senhor”, para mostrar que Deus nos instrui pela natureza, por sua Lei, por seus profetas e, às vezes, por uma inspiração interior, fazendo-nos sentir o que devemos fazer ou evitar<sup>46</sup>. Cada tempo tem sua preocupação. O verão é para a colheita, assim é inútil preocupar-se no inverno do que há que fazer meio ano mais tarde, como Cristo o diz em *Mt.* 6, 34: “Não vos inquieteis pelo amanhã, porque o dia de amanhã terá as suas próprias inquietudes”. Assim, São Tomás conclui que cada trabalho deve fazer-se no devido tempo<sup>47</sup>. Com relação à vida espiritual, Deus mostra-nos o que há de fazer em um determinado momento<sup>48</sup>.

## 5. O fim da história e o juízo final.

Este texto é uma clara alusão ao fim da história da salvação, que é de um lado o juízo particular de cada pessoa, depois de sua morte e, por outro lado, o juízo universal. Vivemos na história. Há um devir, o que significa que as coisas não chegam logo a seu fim. São Tomás projeta a necessidade de um juízo final contra o que está por trás da criação e do governo divino do mundo. É necessário um juízo final contraposto à primeira produção das coisas no ser. Como na criação tudo saiu imediatamente das mãos de Deus, assim também é preciso que haja um último término em que cada um recebe o que é devido. Isto vale, sobretudo, porque agora o sentido de muitos acontecimentos está escondido aos homens. Por exemplo, Deus permite que haja mal no mundo e dispõe de alguns para a utilidade dos demais, contrariamente aos que os homens costumam fazer.

No juízo final que concerne a todos os homens, na medida em que são membros do gênero humano e participaram da história comum, o sentido da história, dos conflitos, as guerras cruéis, o progresso e a decadência dos povos e as

---

<sup>44</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In Ephes.* C1, lec3,n28.

<sup>45</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Tess.* C2, lec2: “omnia fecit Deus bona in tempore”.

<sup>46</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In Job.* C33.

<sup>47</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* II-II,q55,a7,c.

<sup>48</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In Evang. Ion.* C7, lec3.

culturas ser-nos-ão revelados e os bons serão separados dos maus<sup>49</sup>. Pois bem, o juízo particular, por outro lado, ainda se situa na história. Ao morrer, cada homem é julgado individualmente, conforme o que fez. Este juízo particular começa já durante a vida de cada um, de acordo com a teologia bíblica, especialmente com as palavras de Cristo no *Evangelho de São João*. Por meio das tribulações da vida presente Deus prova, de vez em quando, aos homens, em particular enquanto os bons são freqüentemente postos à dura prova, enquanto os maus vivem em prosperidade<sup>50</sup>.

Em seu *Comentário sobre o Evangelho de São João*, Tomás explica que este juízo é um juízo de discernimento (*iudicium discretionis*), posto que em sua primeira chegada Cristo fez uma separação dos espíritos: uns ficavam cegos, outros eram iluminados pela graça<sup>51</sup>. Quanto à execução deste juízo na vida dos bons que freqüentemente sofrem muitas tribulações, Tomás repete que é absolutamente necessário aceitar que a alma siga existindo, depois da morte<sup>52</sup>. Não obstante, durante nossa vida terrestre não há que investigar a razão de sofrermos tanto<sup>53</sup>.

Tomás cita freqüentemente as palavras de Jó que diz a vida terrestre ser um serviço militar, porque não tem seu fim em si mesmo, mas é, sobretudo, como um movimento em direção a um término e ao descanso. Por isso, Jó a compara ao estado de pessoas que tendem a um fim, como soldados que se expõem em perigos, em vista de uma recompensa futura. Pode-se ver uma confirmação disto no fato de que o homem sempre deseja algo no futuro, como se não estivesse contente com o que tem. Isto se compreende em vista das aflições e contratempos desta vida e a falta de perfeição<sup>54</sup>.

---

<sup>49</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* Supplementum, q88,a1,ad2: “Propria sententia illius generalis iudicii est separatio bonorum a malis”.

<sup>50</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Cor.* C3, lec2; *Comp. Theo.* c243, n528; *Quodl.* X, q1,a2: “Unum (est iudicium) quo beatificat vel damnat homines quoad animam et hoc iudicium per totum tempus agitur”.

<sup>51</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In Ioan.* C3, lec1.

<sup>52</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In Job.* C7: “Tota ratio divinorum iudiciorum turbatur, se non esset vita futura”.

<sup>53</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In Job.* C23: “Inquirere causam quare punitus sit, est inquirere rationem divini iudicii, quam quidem nullus cognoscere potest nisi ipse Deus”.

<sup>54</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In Job.* C7: “Praesens vita hominis non habet in se ultimum finem, sed comparatur ad ipsum sicut motus ad quietem in via ad terminum; et ideo (Job) comparat eam illis statibus hominum qui tendunt ad aliquem finem... Semper homo quase non contentus praesentibus futura desiderat”. Cf. *CG.* IV, 91.

Outra expressão que indica muito bem a condição atual do cristão é a palavra *viator*. Somos viajantes porque estamos a caminho de Deus<sup>55</sup>. O viajante necessita de três coisas: a salvação e a força para caminhar; conhecer o caminho e a possibilidade de chegar<sup>56</sup>. Um progresso indefinido na virtude é possível com a ajuda da graça<sup>57</sup>. Porque estamos em viagem, este mundo não é o nosso domicílio permanente e devemos utilizá-lo não como um fim, mas como um meio<sup>58</sup>. As almas dos santos no céu estão completamente fora do estado de viajantes<sup>59</sup>, que termina com a morte<sup>60</sup>. O fim da viagem do cristão é a contemplação de Deus na pátria (Paraíso), onde nossos pensamentos já não serão versáteis e reinará a caridade perfeita<sup>61</sup>. Na pátria celestial não haverá representações figurativas, mas a perfeita verdade<sup>62</sup>.

O fim da história, que é o juízo final, será acompanhado de uma nova condição do mundo. Apoiando-se em *Romanos* 8, 20-22: “As criaturas serão libertadas da servidão da corrupção e também nós”, Tomás concebe esta condição final do universo como um estado sem ulteriores movimentos dos corpos celestiais e processos no mundo físico. Paulo estabelece uma conexão entre o destino do mundo físico e do homem. Por que já não haverá geração, nem mesmo haverá os movimentos e processos cósmicos que a produzem. Por isso, é impossível imaginar qual será neste mundo novo a condição dos elementos e os seres vivos. A única coisa que se pode afirmar é que o estado do mundo deve convir aos corpos incorruptíveis dos ressuscitados, que seguem dispendo de suas faculdades sensitivas.

---

<sup>55</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* II-II,q24, a4,c: “In hoc enim dicimur viatores quod in Deum tendimus”.

<sup>56</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In IV Sent.* d15, q4, a3c, ad4.

<sup>57</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *De ver.* q29,a3,c: “Quantumcumque homo in hac vita proficiat, semper potest in amplius procedere”.

<sup>58</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In Psalmum* 18,3; *In Job*, c21.

<sup>59</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *De ver.* q29, a6, ad5: “Animae sanctorum in pátria sunt totaliter extra statum viatorum”.

<sup>60</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *De malo*, q7,a11,c: “mors terminat statum viatoris”.

<sup>61</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Sent.* d1, q1, a3A; *In II Sent.* d3, q3, a4; *In III Sent.* d31, q2, a3B.

<sup>62</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In IV Sent.* d1, q1, a2E ad1; d8, q1, a3A.

## 6. Quando chegará o fim do mundo?

No Evangelho Cristo diz que ninguém conhece nem o dia, nem a hora do fim<sup>63</sup>. São Tomás argüiu que Deus se reserva do que está exclusivamente submetido ao divino poder. Assim como o mundo começou a existir por ação imediata de Deus, assim acabará sem a intervenção de nenhuma causa criada<sup>64</sup>. Há uma relação entre a criação e a consumação. O mundo não chegará ao seu fim por causas criadas, como tampouco recebeu o seu ser de uma criatura, mas imediatamente de Deus.

Quanto aos sinais que segundo o Evangelho precederão ao juízo final, estes se referem, escreve Tomás, em parte à destruição de Jerusalém, em parte à missão invisível de Cristo na Igreja e, em parte, ao juízo final. Mas estes sinais como as perseguições não permitem determinar quando chegará o fim. Houve perseguições desde o começo da Igreja, com maior ou menor violência. E mesmo que se suponha que no final aumentarão tais perigos, tampouco se pode precisar qual a quantidade de perigos será a que precederá imediatamente ao dia do juízo ou o advento do anticristo<sup>65</sup>. Nos primeiros séculos foram tão grandes as perseguições e havia tanta abundância de erros que alguns cristãos creram iminente o dia do juízo. Quanto à destruição e a apostasia de muitos, que segundo o Novo Testamento terão lugar no período que precede o fim do mundo, escreve Tomás que à medida que algo se distancia mais de seu princípio, perde o que inicialmente possuía de perfeição. Por isso, nos últimos tempos a fé e a caridade de muitos faltarão, porque estas pessoas estarão distantes de Cristo<sup>66</sup>.

Jesus julgará todos em sua natureza humana, pois assim os homens poderão ver-lhe e compreender que Ele é o único Salvador do gênero humano. Por isso, o livro do *Apocalipse* 1, 7 diz: “vem nas nuvens do céu e todo olho o verá”. Em sua primeira vinda, Jesus apareceu revestido de nossa humildade para satisfazer-nos, mas no final dos tempos virá executar a justiça do Pai e, por isso, deve manifestar a sua glória. O sinal da cruz aparecerá como indício da paixão, para que se veja como grande era a misericórdia divina: “Se a visão da gloriosa huma-

---

<sup>63</sup> *Mat.* 24, 36. Cf. *Marcos*, 13, 32. Nem mesmo Jesus em sua natureza humana sabia o momento do fim da história.

<sup>64</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* Supplementum, q88, a3.

<sup>65</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* Supplementum, q88,a3,ad2.

<sup>66</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Tim.* C3, lec1: “Quanto magis aliquid elongatur a suo principio, tanto plus déficit. Et ideo in tempore illo magis deficiunt fides e charitas, quia plus elongatur a Christo”.

nidade divina será para os justos um prêmio, para os inimigos de Cristo será um suplício”<sup>67</sup>. Todos os homens, nascidos de Adão até o final do mundo, verão a Cristo, por uma iluminação interior compreenderão o bem e o mal que fizeram, mas não haverá uma enumeração vocal sucessivamente de todas as ações dos bons e dos maus<sup>68</sup>.

## 7. A ambivalência dos acontecimentos.

O tempo traz-nos inovações, mas também decadência e desaparecimento. O que começa a ser é contingente e, por isso, desaparecerá um dia. Quem contempla os grandes acontecimentos ao longo dos séculos, maravilha-se de que, às vezes, a história parece implicar um regresso. Houve, efetivamente, uma redução progressiva: depois da queda de Adão, Deus escolheu um povo que fosse fiel a Ele, para receber suas promessas; depois houve uma redução deste povo, e, finalmente, à única pessoa de Jesus Cristo. Assim chegou-se ao centro da história, mas agora começa um movimento em sentido contrário, a saber, passando por Israel, a salvação é oferecida para todos os homens. Neste processo, o pecado original, isto é, da negação de uma obediência a Deus, e a vontade divina de perdoar e prestar auxílio, apesar da infidelidade repetida do povo eleito, estão no centro. A história advém como uma luta, de um lado, o amor divino e, de outro lado, o povo eleito que manifesta cada vez, de novo, uma vontade rebelde. Todos os acontecimentos da história profana, enquanto mencionadas na Bíblia, são postos em relação com o plano divino da salvação do gênero humano.

A chegada de Cristo, o momento central da história, deu-nos uma consciência mais profunda do porvir e do passado. Com Cristo chegou o tempo da plenitude. São Tomás explica a expressão de Paulo em *Gal. 4, 4* assim: o tempo da plenitude (mudando a ordem das palavras de Paulo), é o tempo da perfeição, porque então chegou o universo a sua completude (*completio*) maior, quando no homem, isto é, na natureza humana assumida por Deus, o conjunto da criação retornou a seu princípio<sup>69</sup>. Tomás acrescenta que esta plenitude se vê também 1) na abundância das graças; 2) no cumprimento da Lei antiga; 3) na entrada na história do Senhor do tempo, isto é, de algo maior que o tempo (*aliquid maius tempo-*

---

<sup>67</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh. Supplementum*, q90, a2.

<sup>68</sup> Tomás escreve que há que entender a palavra ‘voz’ neste contexto, como uma impressão interior, e cita Santo Agostinho: “Divina virtute erit quod unicuique occurrat quod fecit”.

<sup>69</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In III Sent.* d1, q2, a5.

re); 4) enfim, porque se cumpriu o que Deus então havia decidido, desde toda a eternidade.

Em sua análise da questão acerca da oportunidade da encarnação no tempo histórico, que agora se situa a dois mil anos, Tomás escreve que se houvesse tardado a vinda de Cristo haveria levado consigo o risco do completo desaparecimento da fé<sup>70</sup>. No mesmo contexto, escreve que Deus intervém quando sabe que é necessário e que sua ajuda terá efeito. De fato, parece pensar que é preciso que Deus intervenha, pois cada vez mais os homens perdem a fé, a devoção e a virtude. O fez com Abraão, Moisés, Cristo. Se a vinda de Cristo tivesse sido atrasada até o fim do mundo, a fé em Deus, a piedade e os bons costumes teriam desaparecido completamente<sup>71</sup>. A idéia é que a história espiritual da humanidade faz ver um deslize gradual. O princípio em que se baseia este fenômeno é uma lei física: quanto mais alguma coisa distancia-se de seu princípio, tanto mais é deficiente<sup>72</sup>. Tomás explica as palavras de Cristo “Mas quando vier o Filho do Homem encontrará fé na terra?” (*Lc*, 18,8), referindo-se a Beda: pela indolência e indiferença dos infiéis, a ruína do mundo será acelerada<sup>73</sup>. Em seu comentário sobre uma passagem da *Carta aos Romanos*<sup>74</sup>, onde Paulo fala da grande longanimidade de Deus, Tomás cita *Gênesis* 6,5: “Vendo Javé quanto havia crescido a maldade do homem sobre a terra e que seu coração não tramava senão avessos desígnios todo dia, Ele se arrependeu de ter criado o homem na terra”. Mas por sua grande longanimidade Deus permitiu que os homens continuassem a viver por muito tempo como eles mesmos desejavam.

Outro fator que Tomás coloca de relevo é o antagonismo entre a verdade e o erro, o bem e o mal. Desde o princípio da Igreja não houve um período em que não apareceram doutrinas heréticas<sup>75</sup>. Depois da verdade, apareceram erros; depois dos profetas vieram os pseudo-profetas; depois dos apóstolos, os pseudo-apóstolos e depois de Cristo o Anticristo<sup>76</sup>.

---

<sup>70</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* III, q1, a5,c: “...ne fervor fidei temporis prolixitate tepesceret, quia circa finem mundi refrigescet charitas multurom” (*Lc*, 18, 8).

<sup>71</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* III, q1, a6,c: “Si autem hoc remedium differetur usque in finem mundi, totaliter Dei notitia et reverentia et morum honestas abolita fuisset in terris”.

<sup>72</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Tim.* C3, lec1: “Quanto magis aliquid elongatur a suo principio, tanto plus deficit”.

<sup>73</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Catena aurea.* In evang. Lucae, 18, lec.1.

<sup>74</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In Rom.* C9, lec4.

<sup>75</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Contra impugnates*, c5.

<sup>76</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Catena in Matth.* C13, lec4.

## 8. Os sofrimentos presentes.

São Tomás cita, repetidas vezes, as frases da Bíblia Sagrada relacionadas aos sofrimentos que os discípulos de Jesus padecem no mundo<sup>77</sup>. Tomás comenta que a razão destas dificuldades e perseguições da parte do mundo se explica pelo fato da eleição deles por Cristo e a maneira com que eles se distinguem do mundo. Cita *1 João* 3, 13: “Não vos admireis, irmãos, se o mundo vos odeia. Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos”<sup>78</sup>. Tomás explica que a base de todas as perseguições é o ódio. Os membros do corpo místico de Cristo devem saber que não estão por cima de sua Cabeça e estar dispostos a assumir os sofrimentos. Aqueles que amam o mundo estão dispersos pelo mundo inteiro, com também estão os cristãos. Assim, escreve Tomás, “totus mundus totum odit mundum”<sup>79</sup>. A causa, pela qual algumas pessoas são amadas, é por sua semelhança ao que quer o mundo: o semelhante quer o semelhante. Tomás faz uma distinção: os líderes não são jamais totalmente maus, porque o bom deve ser o substrato da privação, que é o mal. Deste modo, podem ao mesmo tempo perseguir aos discípulos de Cristo e castigar os criminosos. Comentando *Efésios* 5, 16 “os dias são maus”, Tomás diz que desde o pecado de Adão há por todas as partes instigações ao pecado<sup>80</sup>.

São Paulo lista as penas da vida de um apóstolo: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, angústia, a perseguição, a fome, a nudez, os perigos, a espada? Segundo está escrito: Por sua causa somos postos à morte o dia todo, somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro”<sup>81</sup>. São Tomás nota que os santos padecem todas estas classes de males, por causa de Cristo. Não somente quem sofre pela fé, mas o que sofre por uma ou outra boa obra que fez, sofre por Cristo. A perseguição é contínua e veemente – até entregar os santos à morte – e aplica métodos de tortura escolhidos. É preciso imitar os profetas que padeciam ataques verbais, agravos, calúnias. Há uma tríplice perseguição: no coração, isto é, por ódio, em ações e por palavras mentirosas, vituperantes e caluniosas<sup>82</sup>. Quando São Paulo escreve: “Até o momento presente ainda

---

<sup>77</sup> *João*, 16, 33: “No mundo haveis de ter tribulações, mas confiai, eu vim ao mundo”.

<sup>78</sup> *João*, 15, 19: “Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas, porque não sois do mundo e minha escolha vos separou do mundo, o mundo, por isso vos odeia”.

<sup>79</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In evang. Ioan.*, c15, lec4.

<sup>80</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In Ephesios*. C5, lec6.

<sup>81</sup> *Rom.* 8, 35-36.

<sup>82</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In evang. Matth.* C5, lec3.

sofremos fome, sede e nudez; somos maltratados, não temos morada certa e fatigamo-nos trabalhando com as próprias mãos. Somos amaldiçoados e bendizemos; somos perseguidos, e suportamos; somos caluniados, e consolamos. Até o presente somos considerados como o lixo do mundo, a escória do universo”<sup>83</sup>, Tomás comenta que os apóstolos padeciam de tal maneira que não foram abandonados, posto que a providência divina ajustava para eles abundância e escassez, segundo lhes convinha para praticar as virtudes<sup>84</sup>.

Na segunda epístola a Timóteo<sup>85</sup> São Paulo escreve que “Todos os que aspiram a viver piedosamente em Cristo Jesus sofrerão perseguições”. São Tomás comenta que trata da observância do culto cristão. No princípio da Igreja, sobretudo, foi assim porque os cristãos foram perseguidos pelos judeus e gentios. Cita *João* 16, 2 “virá a hora em que aquele que vos matar julgará realizar ato de culto a Deus” e *Mateus* 24, 9 “Nesse tempo, vos entregarão à tribulação e vos matarão, e sereis odiados de todos os povos por causa do meu nome”. Mas os cristãos sofrem, também, por sua compaixão com os defeitos, faltas e penas de seus próximos. Os santos sofrem da debilidade de seus corpos e das tentações da parte do diabo. Não obstante, os pecadores caem em males maiores por sua culpabilidade. Há um motivo de consolo e de encorajamento: os maus não podem maltratar sem limite, porque Paulo diz que “não sairão com suas tentativas”. Efetivamente, a providência lhes impede de concluir o que começaram fazer contra a Igreja<sup>86</sup>.

Em sua espera da segunda chegada de Cristo, a comunidade cristã de Tessalônica estava exposta a rumores e a falsas notícias sobre a sua proximidade. Paulo escreve que não há que se preocupar facilmente. Em *2 Tessalonicenses*, 2, 7 acrescenta que “o mistério da iniquidade já está em ação; só falta que o que o retém seja afastado”. Menciona alguns sinais que devem preceder o advento de Cristo: a apostasia; o iníquo que se opõe e se alça contra tudo o que se diz Deus e se proclama deus a si mesmo. Tomás comenta que antes da aparição do anticristo o evangelho deve ser pregado no mundo e que, depois, muitos se afastarão da fé (*I Tim.* 4, 1; *Mat.* 24, 12). Com relação ao homem da iniquidade, há que pensar que o anticristo já estava atuando, ainda que de maneira escondida, em todas as perseguições. Sua malícia será revelada no fim dos tempos<sup>87</sup>. Na continuação des-

---

<sup>83</sup> *I Cor.*, 4, 11-13.

<sup>84</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In I Cor.* C4, lec2, n215.

<sup>85</sup> *2 Tim.*, 3, 12.

<sup>86</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Tim.* C4, lec3, n118: “Sed secundum providentiam divinam prohibentur ne possint implere quod coeperunt”.

<sup>87</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In II Thess.* C2, lec1.

ta passagem a *Carta a Timóteo* diz que o mistério da iniquidade já está em ação. O que significa, escreve Tomás, que já atua naqueles que levam uma aparência de bem, mas que na realidade opõem-se a Cristo. A explicação do sentido da frase seguinte “só falta que o que o retém seja afastado” não é fácil. Santo Agostinho confessa que não sabe o que impede a aparição do anticristo. Tomás sugere várias explicações, por exemplo, que o que o retém poderia significar o Império Romano.

O dia do Senhor chegará de repente. Comentando *1 Tess.*, 5, 1-3, Tomás cita vários textos bíblicos que insistem sobre o caráter repentino da segunda chegada de Cristo como *Luc.* 13, 36; *2 Pedro*, 3 10; *Apoc.* 4,5; *Mat.* 25, 6. Os homens se crêem em segurança, ainda que vivam em meio a grandes males como a idolatria e a imoralidade. Por fim, cita a parábola do homem rico (*Luc.* 13, 36) que se acreditava seguro por haver armazenado muitos bens, mas que morreu repentinamente<sup>88</sup>.

Por trás da história tão variável e das mudanças de sorte dos cristãos, estão por um lado os poderes do mal e por outro lado a mutabilidade da vontade dos homens. Ao longo de suas obras, São Tomás dá destaque em cerca de cem textos a mutabilidade do homem, de seu intelecto, vontade e afetos<sup>89</sup>. Inclusive via na tenda construída por Israel no deserto, como um sinal da mutabilidade da vida presente, enquanto o tempo significava o estado da vida futura<sup>90</sup>. Por isso, estamos a caminho da parusia de Cristo. Num certo sentido, estamos igualmente em todos os séculos próximo do último dia, porque ninguém pode estar mais próximo do fim que os da época que inicia imediatamente o fim, isto é, nossa época final da história<sup>91</sup>.

Tomás crê que o tempo entre o nascimento de Cristo e a parusia seja mais breve que o tempo transcorrido desde o princípio do mundo até Cristo. Se o fim tardará muito ou pouco, não muda a situação: o tempo é breve (*1 Cor.* 7,29)<sup>92</sup> e chegou para nós o fim do tempo (*1 Cor.* 1,11); hoje é a hora (*1 João*, 2,18). A figura deste mundo é passageira. A brevidade do tempo, da qual os textos falam, re-

---

<sup>88</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In 1 Thess.* C5, lec1.

<sup>89</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* II-II, q57,a2, ad1: “Natura hominis est mutabilis”; *Comp. Th.* I, c129: “Intellectus et voluntas hominis mutabilis”.

<sup>90</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I-II, q102,a4, ad2.

<sup>91</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* I-II, q106,a4, c: “Nihil enim potest esse propinquius fini ultimo quam quod immediate in finem ultimum introducit”.

<sup>92</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Contra impugnantes Dei*, pars 3, c5: “Temporis quantuncumque spatium in sacra scriptura breve solet accipi in comparatione aeternitatis”.

fere-se não tanto a uma duração breve como à transitoriedade do homem, do mundo material e da história<sup>93</sup>. Não obstante, é perigoso proclamar que o fim está à porta, porque se Cristo não vem logo, as pessoas pensarão que não virá nunca<sup>94</sup>.

O tempo da vida presente é comparado à noite, pelas trevas da ignorância em que vivemos<sup>95</sup>. As palavras de Cristo “Sim, voltarei logo” (*Apoc.* 22, 20) devem ser entendidas segundo o seu sentido místico<sup>96</sup>. A Sagrada Escritura diz que não se pode saber quando chegará o fim e, por isso, não se pode dizer quanto tempo tardará Cristo<sup>97</sup>. São Paulo, depois de ter falado das maravilhas da graça que recebemos de Cristo, chama a atenção sobre a vida presente em que teremos muitas dificuldades e penas. Alguém poderia dizer que a herança eterna é difícil, se antes é preciso sofrer muito. Mas a glória prometida ultrapassa tudo, porque é eterna e corresponde às expectativas das criaturas<sup>98</sup>.

Apesar dos sofrimentos que os discípulos de Jesus padecem e sua submissão à efemeridade da vida cotidiana, a atitude dominante é a confiança, porque “Deus faz concorrer todas as coisas para o bem dos que Lhe amam” (*Rom.* 8, 28). Tomás vê uma confirmação destas palavras na natureza. No mundo físico e nos organismos o que é inferior serve ao que é mais nobre. Pois bem, em meio a tudo que existe no universo, os santos são o que de mais nobre há, pois Jesus diz “sobre o muito te colocarei” (*Mat.* 25,23).

Deste modo, até o mal que fazem os pecadores torna-se um bem para os santos. Deus atende de tal maneira aos santos que não permite que algum mal os afete, senão que o converte num bem para eles<sup>99</sup>. Mas os caminhos de Deus são insondáveis e seus juízos inescrutáveis<sup>100</sup>. A tudo isso se acrescenta o gozo dos discípulos no Senhor, “porque seus nomes estão inscritos nos céus” (*Luc.* 10, 20).

---

<sup>93</sup> Tomás comenta várias vezes as frases conhecidas do *Salmo* 38 (39) “quae mensura dierum meorum” e do *Salmo* 89 (90) “Dinumerare nos doce dies nostros”.

<sup>94</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *De pot.* Q5, a6, ad9: “...non tam sunt ad quantitatem temporis referenda, quam ad status mundi dispositionem”. Cf. *In Hebr.* C10, lec4: “Si multum sit quantum ad tractum temporis et quoad nos, breve tamen est quantum ad aeternitatem”.

<sup>95</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In Rom.* C13, lect3.

<sup>96</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In evang.* Ioan., c21, lec 4: “Est exponendum mystici”.

<sup>97</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *Contra impugnantes Dei*, pars 3, c5.

<sup>98</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In Rom.* C8, lect4.

<sup>99</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In Rom.* C8, lect6: “Sic de eis curat quod nihil mali circa eos esse permittit quod non in eorum bonum convertat”.

<sup>100</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In Rom.* C11, lect5: “...id est processus eius quibus in creaturis operatur ab homine comprehendi non possunt”.



Comentando estas palavras Tomás escreve que é preciso alegrar-se pela bondade divina e também porque Deus nos deixa participar dela nesta vida<sup>101</sup>.

---

<sup>101</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *STh.* II-II, q28, a2,c.